XXI FAC-FEA LIVRE
Semana Acadêmica Cultural e XVII Encontro de iniciação Científica da FAC-FEA

CUIDADOS PALIATIVOS NO CÂNCER: dignidade na morte e atuação da psicologia no fim da vida

Marcela Escamilha FIGUEIREDO
Faculdade da Fundação Educacional de Araçatuba (FAC-FEA)
e-mail: marcelaescamilhafigueiredo@gmail.com

Maria Fernanda Trivelato Barbosa de LUNA
Faculdade da Fundação Educacional de Araçatuba (FAC-FEA)
e-mail: fertbluna@gmail.com

EIXO: Ciências Humanas, Sociais e da Saúde

RESUMO
O presente artigo aborda a importância dos cuidados paliativos em pacientes oncológicos em estágio terminal, com destaque para a atuação da psicologia no enfrentamento da terminalidade. Por meio de uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, fundamentada em estudos nacionais e internacionais, busca-se compreender como a integração entre cuidados paliativos e suporte psicológico pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida, alívio do sofrimento e promoção de uma morte digna. Pacientes com câncer em estágios avançados enfrentam impactos físicos, emocionais e sociais significativos, que afetam também seus familiares. Nesse contexto, os cuidados paliativos surgem como abordagem humanizada, centrada no controle de sintomas e acolhimento integral. A psicologia desempenha papel essencial ao oferecer escuta, apoio emocional e estratégias de enfrentamento do luto, medo e dor existencial. Os resultados evidenciam que a presença do psicólogo na equipe multidisciplinar favorece a ressignificação do processo de morrer, minimiza o sofrimento psíquico e auxilia na adaptação dos pacientes e familiares à morte iminente. Conclui-se que a atuação psicológica integrada aos cuidados paliativos não apenas melhora os desfechos clínicos e emocionais, como também fortalece a dignidade e o sentido de humanidade nos momentos finais da vida, reforçando a necessidade de políticas públicas que valorizem essa prática no cuidado oncológico.

Palavras-chave: cuidados paliativos; psicologia; morte digna.

1 INTRODUÇÃO

1.1 CUIDADOS PALIATIVOS E A PSICOLOGIA NO CÂNCER TERMINAL

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA), o câncer é uma doença que se caracteriza pela multiplicação descontrolada de células anormais, podendo levar a sintomas debilitantes e, em estágios avançados, a morte. Quando o tratamento curativo para a doença já não mais é eficiente, os cuidados paliativos fazem-se essenciais, visando uma melhor qualidade de vida para o indivíduo por meio de alívio da dor e do manejo dos sintomas(Gomes; Othero, 2016). Nesse contexto, a Psicologia desempenha um papel essencial ao oferecer suporte emocional e auxiliar pacientes e familiares no manejo do

sofrimento psíquico e nas decisões inerentes ao processo de finitude. A intervenção psicológica contribui para a promoção de uma morte digna, orientada por princípios éticos, clínicos e existenciais, além de favorecer a elaboração do sofrimento, o enfrentamento das perdas e a tomada consciente de decisões diante da terminalidade (Barros, 2022).

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

A progressão do câncer em estágios avançados inevitavelmente resulta em sofrimento físico e emocional intenso, o que torna os cuidados paliativos essenciais para o alívio da dor e o manejo dos sintomas; com isso, o papel da psicologia se torna crucial durante essa fase, proporcionando suporte emocional tanto ao paciente quanto as famílias. No Brasil, cerca de 625 mil pessoas estão em cuidados paliativos, prática relativamente nova que surgiu como exercício distinto da área da atenção em saúde em 1960(Ministério da Saúde, 2024). Com isso, a pesquisa busca entender de que maneira esses dois aspectos- cuidados paliativos e apoio psicológico- podem melhorar a experiência do paciente com câncer em estágio terminal assegurando uma partida digna e minimizando o sofrimento físico e emocional.

1.3 JUSTIFICATIVA

Com o aumento significativo da incidência de câncer, especialmente em estágios avançados, a demanda por cuidados paliativos tem crescido de forma substancial. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) indicam que, em 2020, mais de 9,6 milhões de pessoas morreram devido ao câncer, muitas delas em fases em que os tratamentos curativos já não eram mais eficazes. Nesse contexto, os cuidados paliativos tornam-se cada vez mais essenciais para proporcionar alívio da dor e controle dos sintomas.

Uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Cuidados Paliativos (ABCP) revela que aproximadamente 70% dos pacientes em cuidados paliativos apresentam uma melhoria na qualidade de vida com a inclusão do apoio psicológico contínuo. Sob essa ótica, os fatores culturais e sociais desempenham um papel crucial na aceitação desses cuidados, sendo fundamental compreendê-los para a personalização do atendimento e a garantia de uma assistência mais humanizada (Elias, 2012).

Assim, este estudo justifica-se pela necessidade de aprofundar a compreensão sobre a intersecção entre os cuidados paliativos oncológicos e o acompanhamento psicológico, analisando como essa abordagem integrada pode contribuir para a humanização do processo de morte. A pesquisa pretende oferecer subsídios teóricos e práticos para profissionais da

saúde e da psicologia, promovendo uma atuação mais sensível às demandas emocionais e existenciais do paciente terminal e de seus familiares.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o impacto dos cuidados paliativos na qualidade de vida dos pacientes com câncer em estágios terminais;
- Compreender o papel do psicólogo no enfrentamento do sofrimento emocional de pacientes e familiares nesse contexto;
- Investigar a eficácia da abordagem integrada entre cuidados paliativos e apoio psicológico na redução do sofrimento físico e psíquico no fim da vida;
- Explorar como as intervenções psicológicas influenciam a aceitação e a adaptação dos pacientes e familiares à morte iminente;
- Entender os fatores culturais e sociais que influenciam o conceito da morte;

2.2 HIPÓTESES

Considerando a crescente implementação de cuidados paliativos em pacientes oncológicos em estágios terminais, entende-se que o apoio psicológico especializado nos cuidados paliativos tem uma influência significativa na aceitação das decisões relacionadas ao fim da vida, bem como na redução do sofrimento psíquico desses pacientes. Designadamente, espera-se que a presença de psicólogos no processo de cuidado paliativo contribua para uma maior percepção de dignidade no processo de morte e um encerramento sem sofrimento psicológico excessivo, sendo a integração entre cuidados paliativos e apoio psicológico especializado uma contribuição significativa para a redução do sofrimento emocional de pacientes oncológicos em estágio terminal.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo, de natureza descritiva e de abordagem bibliográfica. A escolha por esse método fundamenta-se na proposta de analisar a produção científica e institucional existente sobre os cuidados paliativos em pacientes oncológicos em estágio terminal, com ênfase na atuação do psicólogo hospitalar e no impacto das intervenções psicológicas no processo de morte e morrer.

Foram utilizados materiais já publicados em artigos científicos, livros, documentos institucionais e legislações vigentes, como os disponibilizados pelo Ministério da Saúde, Instituto Nacional de Câncer (INCA), Conselho Federal de Psicologia (CFP), além de trabalhos acadêmicos e periódicos científicos como Research, Society andDevelopment e Estudos Avançados.

A seleção do material ocorreu por meio de pesquisas em bases como SciELO, Google Acadêmico, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), sites institucionais oficiais e repositórios acadêmicos, considerando publicações entre os anos de 2006 e 2024. Os critérios de inclusão priorizaram fontes atualizadas, relevantes ao tema, com foco na terminalidade oncológica, cuidados paliativos e suporte psicológico.

A análise dos dados seguiu a técnica de análise de conteúdo temática, permitindo a identificação de categorias como sofrimento emocional, dignidade no processo de morte, papel do psicólogo e humanização do cuidado. Por meio dessa abordagem, buscou-se alcançar os objetivos propostos, compreender as hipóteses levantadas e oferecer reflexões embasadas na literatura especializada.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 CÂNCER

De acordo com o INCA (Instituto Nacional de Câncer), o termo câncer abrange mais de 100 doenças e é explicado pelo crescente aumento de produção de células que ocorre de forma descontrolada e anormal, penetrando em determinados tecidos, formando tumores e se espalhando pelo corpo. O câncer é amplamente reconhecido como uma questão de saúde pública e, em muitas partes do mundo, a grande parte dos pacientes recebe um diagnóstico tardio, quando a doença já está em estágio avançado. Além disso, é de conhecimento geral o grande impacto que o câncer causa tanto no paciente quanto em seus familiares. Nesse contexto, os cuidados paliativos desempenham um papel crucial no alívio dos sofrimentos físicos, espirituais e psicossociais desses indivíduos.

Atualmente, a medicina possui recursos para enfrentar doenças graves ou até mesmo adiar a morte, algo que no passado era impensável. No entanto, enfrentar as perdas causadas por uma doença crônica, como o câncer, continua sendo um desafio, pois o assunto ainda é, muitas vezes, evitado. Falar de morte na sociedade atual, é como falar de uma derrota, que vai além da perda. No entanto, o conhecimento a respeito desse assunto possibilita que o paciente

receba um suporte emocional e prático, bem como sua família, em um momento de tanta fragilidade. Essa nova abordagem é chamada de cuidados paliativos, modelo voltado para a qualidade de vida diante da terminalidade (Silva; Hortale, 2006).

4.2 CUIDADOS PALIATIVOS

Os cuidados paliativos surgiram com enfoque em pacientes oncológicos, mas, com o tempo, passaram a abranger outras doenças graves. No atual contexto, esse serviço multidisciplinar está presente em mais de 90 países. De acordo com André Junqueira, que presidiu a Academia Nacional de Cuidados Paliativos no biênio 2019-2020, houve um avanço significativo na quantidade de equipes especializadas nos últimos anos. Segundo o Atlas dos Cuidados Paliativos no Brasil (2019), foram identificados quase 200 serviços no país, com uma crescente favorável desde 2010. No Brasil, uma nota publicada pelo Ministério da saúde em maio de 2024 declara que cerca de 625 mil pessoas precisam de cuidados paliativos.

Sendo assim, os cuidados paliativos consistem em medidas e serviços de saúde que são destinados ao alívio da dor, sofrimento e sintomas de indivíduos que possuem doenças graves e que estão situações de saúde que coloque em risco a vida ou comprometem sua continuidade. Essa abordagem intervém com uma equipe multidisciplinar e visa minimizar o sofrimento do paciente, controlando os sintomas físicos, emocionais, espirituais e psicológicos, podendo ser implementada juntamente com o tratamento da doença, seja para sua cura ou manejo dos sintomas na terminalidade. (Sociedade Brasileira de Cirurgia Oncológica, 2024). Nesse sentido, a médica Ana Claudia Quintana Arantes (2016, p. 84) descreve com sensibilidade o que compreende como cuidado paliativo:

> O Cuidado Paliativo que pratico há vinte anos é esse processo de assistência para quem está na reta final. Às vezes, a reta final não é reta final no tempo: é a reta final da nossa vida. A terminalidade pode se prolongar por anos. Terminalidade não é a semana que vem. Terminalidade não é tempo, e sim uma condição clínica que advém de uma doença grave, incurável, sem possibilidade de controle, e diante da qual, impotente, a medicina cruza os braços. Isso pode ser vivenciado em horas, dias, semanas, meses ou anos. Se a doença avança devagarzinho, pode levar anos; se vai depressa, a pessoa parte em uma semana ou em poucos dias.

A fala da autora evidencia que a terminalidade não deve ser compreendida apenas como os últimos momentos de vida, mas como uma condição prolongada que requer assistência especializada e contínua. Esse entendimento reforça a importância da atuação proativa da equipe de cuidados paliativos desde os estágios iniciais do declínio clínico, garantindo qualidade de vida e dignidade ao paciente.

Nesse viés, o tratamento paliativo deve ocorrer de forma ativa, principalmente em pacientes com câncer em estágios avançados que contam com tratamentos radioterápicos, quimioterápicos ou cirúrgicos. Devido a intensa carga de sintomas físicos, emocionais e psicológicos que acabam por sobrecarregar os pacientes com doenças terminais, é crucial a adoção precoce de estratégias terapêuticas eficazes, sempre respeitando os limites do sujeito. (Instituto Nacional de Câncer, 2022). De acordo com Silva e Hortale (2006), essa intervenção pode ocorrer tanto em ambiente hospitalar, quanto na própria residência, e deve ser ofertado aos pacientes e aos familiares, mesmo após o falecimento do paciente.

4.3 MORTE

Elias (2012) diz que a experiência da morte pode variar de uma sociedade para a outra, pois seu conceito é específico de cada grupo social e muda de acordo com o contexto cultural. De acordo com Arantes (2016), a dinâmica familiar é uma construção complexa que, embora influenciada pelo contexto social, é única em cada núcleo. Cada família possui um "microcosmo" próprio, cujo funcionamento pode ser positivo ou negativo, dependendo de diversos fatores internos.Ainda que a morte pareça algo natural e imutável, ela é, na verdade, um conceito aprendido. Sendo assim, as formas de lidar com a morte são moldadas de acordo com a cultura, refletindo o ambiente em que acontecem.

Ao questionar, mesmo que de maneira informal, sobre a forma que gostariam de partir deste mundo, uma parcela considerável de indivíduos revela que, se lhe fosse dada opção, gostariam de morrer dormindo, alheios ao processo de transição para a morte, sendo desejável um término célebre e indolor; contudo, para aqueles que permanecem, o sofrimento causado pela ausência de preparação é angustiante, independente da forma que o seja. Os significados do encerramento de um ciclo de vida são moldados de acordo com a percepção de cada sujeito em sua singularidade, mesmo que compartilhem a mesma experiência. Em cenários de pacientes terminais, não é incomum que familiares se expressem em palavras carregadas de desespero, o anseio pela morte de seu ente, para que sua dor e agonia sejam abreviadas (Rodrigues; Zago, 2012).

4.4 O PAPEL DO PSICÓLOGO

Receber o diagnóstico do câncer, em geral, caracteriza-se pelo momento mais desafiador na vida de um indivíduo, impactando profundamente aspectos físicos e psicológicos. A vivência do tratamento e adoecimento oncológico é marcada por intenso

sofrimento psíquico, conflitos internos e instabilidade emocional, dos quais as manifestações diferem de acordo com o estágio da doença e do tratamento instituído (Silva; Aquino; Santos, 2008; Penna, 2004 *apud* Barros, 2022). Nesse cenário, a atuação do psicólogo no contexto hospitalar faz-se essencial durante o processo, pois sua presença na equipe multidisciplinar contribui diretamente na organização das estratégias de enfrentamento do paciente diante da finitude do sofrimento existencial.

No contexto dos cuidados paliativos, o psicólogo ganha ainda mais relevância, uma vez que se volta ao alívio do sofrimento total, incluindo o emocional, social, espiritual e o físico (Martins, 2004 *apud* Barros, 2022). Segundo a Resolução n° 17 do Conselho Federal de Psicologia (2022), a atuação da psicologia nos cuidados paliativos deve ser pautada por práticas de promoção, prevenção e educação em saúde, além de intervenções nos diversos estágios de saúde-doença, respeitando os princípios éticos e as diretrizes do trabalho multiprofissional e interdisciplinar. Durante o período em que o câncer se encontra mais agressivo e o paciente entende que está cada vez mais perto do fim da vida, é comum que experiencie medo da morte, sentimentos de solidão, afastamento dos vínculos afetivos e alterações na rotina, principalmente frente à percepção da perda de controle sobre sua própria vida (Lucchesi; Macedo; Marco, 2008; Romano 1999 *apud* Barros, 2022).

Tais sentimentos podem intensificar-se pela hospitalização, que é vivenciada como um ambiente impessoal e distante do acolhimento familiar. Sendo assim, a escuta sensível e o acolhimento proporcionado pelo psicólogo tornam-se ferramentas terapêuticas cruciais para o bem-estar emocional do paciente e sua relação com os profissionais de saúde e familiares, bem como o entendimento da influência desses fatores durante o tratamento (Lucchesi; Macedo; Marco, 2008; Romano 1999 *apud* Barros, 2022). A psico-oncologia, área que integra os saberes da psicologia e da oncologia, busca entender e intervir nos aspectos emocionais que atravessam o processo de adoecimento. Seu objetivo é promover qualidade de vida, apoiar o enfrentamento da doença e dar suporte tanto ao paciente quanto à família, bem como à equipe médica, pois entende-se que todos os envolvidos são afetados pela terminalidade (Decat; Araújo, 2010 *apud* Barros, 2022).

De acordo com Castilho, Pinto e Silva (2021), os cuidados paliativos exigem uma abordagem que ultrapasse o alívio dos sintomas, incorporando os cuidados com aspectos emocionais e espirituais do paciente. Esse trabalho deve ser desenvolvido em um espaço terapêutico seguro, com escuta empática, possibilitando que o paciente expresse seus medos, arrependimentos e desejos, como a necessidade de perdoar ou de se despedir (Rochi, 2020

apud Incontri; Santos, 2007; Kovács, 2008). O reconhecimento da importância da psicologia no cuidado oncológico é ratificado pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2024), por meio da portaria n° 3.535/1998, que estabelece a presença obrigatória de psicólogos em unidades de oncologia, ressaltando seu papel no processo de adaptação do paciente à nova realidade (Barros, 2022).

Em um momento tão delicado como a terminalidade, o trabalho do psicólogo contribui para a dignidade do processo de morrer, aliviando sofrimentos e oferecendo um cuidado verdadeiramente humanizado. A psicologia hospitalar é vista como uma ferramenta essencial nos cuidados paliativos, não com o objetivo de “salvar vidas”, mas de promover uma "boa morte", por meio de um processo de humanização da experiência do morrer (Research, Society and Development, 2024). Ainda, de acordo com o autor, o cuidado com a dor e o sofrimento humano constitui um aspecto fundamental para a preservação da dignidade do ser humano, especialmente em contextos críticos, como o processo de morte.

Segundo Pessini (2014 *apud* Research, Society and Development, 2024), a problemática da dor e do sofrimento transcende a mera técnica, configurando-se como uma questão ética de relevância primordial. O sofrimento, por sua vez, deve gerar compaixão — compreendida não como uma simples reação de piedade, mas como uma empatia que se traduz em ações profundamente humanizadas. A indiferença, em contrapartida, revela-se desumanizante, exacerbando ainda mais o sofrimento. Este, ao suscitar respeito, provoca temor, pois expõe, como um espelho, a fragilidade, vulnerabilidade e mortalidade que são inerentes à própria condição humana. Diante do cenário de sofrimento intenso, é possível implementar políticas assistenciais que valorizem a dignidade humana, mesmo na ausência de possibilidades terapêuticas curativas.

A filosofia dos cuidados paliativos surge como esperança concreta para a efetivação de um cuidado humanizado voltado a pacientes com dores e sofrimentos crônicos decorrentes de doenças graves. É imprescindível considerar a dimensão emocional dos pacientes e seus familiares no ambiente hospitalar, especialmente em relação ao enfrentamento do luto e da terminalidade. Os cuidados paliativos resgatam o humanismo frequentemente perdido nas práticas biomédicas atuais, que priorizam a tecnologia e a cura, mas carecem de empatia, afeto e calor humano, elementos essenciais para o alívio integral do sofrimento. Nesse contexto, a psicologia hospitalar desempenha papel fundamental ao reconhecer o paciente como sujeito de uma trajetória de vida, promovendo ressignificação, adaptação e preservação

da dignidade, mesmo diante de enfermidades limitantes (*apud* Research, Society and Development, 2024).

5 CONCLUSÃO

A análise realizada neste estudo permitiu compreender, de forma aprofundada, o impacto dos cuidados paliativos na qualidade de vida de pacientes oncológicos em estágios terminais, com ênfase na atuação do psicólogo hospitalar como elemento central na abordagem integral do sofrimento humano. Os achados das pesquisas bibliográficas evidenciaram que as maiores fragilidades no atendimento estão relacionadas à prestação inadequada de serviços voltados aos pacientes e seus familiares durante momentos de dor e terminalidade, o que reforça a necessidade de uma assistência que contemple não apenas o controle dos sintomas físicos, mas também o acolhimento emocional, social e espiritual.

Nesse contexto, destaca-se a relevância do psicólogo hospitalar na equipe multidisciplinar, promovendo estratégias de enfrentamento, ressignificação e adaptação à morte, elementos que contribuem significativamente para a dignidade no processo de morrer. Além disso, a integração entre psicologia e cuidados paliativos mostrou-se eficaz na redução do sofrimento físico e psíquico, ao passo que a atuação conjunta com a equipe de enfermagem foi apontada como fator determinante para a melhoria clínica e emocional dos pacientes. Portanto, conclui-se que o cuidado paliativo, aliado ao suporte psicológico especializado, constitui uma resposta humanizada e ética diante da terminalidade, ao passo que reforça a importância da formação e valorização dos profissionais que atuam nesse cenário delicado, especialmente psicólogos e enfermeiros, para que estejam preparados a oferecer um suporte qualificado e sensível nos momentos finais da vida (Research, Society and Development, 2024).

REFERÊNCIAS

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. São Paulo: Sextante, 2016.

ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE CUIDADOS PALIATIVOS. **Atlas de cuidados paliativos na América Latina.** Houston: IAHPC Press, 2012. Disponível em: https://cuidadospaliativos.org/uploads/2014/1/Atlas%20Portugues.pdf. Acesso em: 13 maio 2025.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS (ANCP). **Panorama dos cuidados paliativos na América Latina e Brasil.** ANCP, 12 fev. 2021. Disponível em: https://paliativo.org.br/panorama-cuidados-paliativos-america-latina-brasil/. Acesso em: 13 maio 2025.

BARROS, Patrícia Teixeira de. **Intervenções da psicologia hospitalar nos cuidados paliativos de pacientes oncológicos.** 2022. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade UNIRB Arapiraca – UNIRB. Disponível em: http://dspace.unirb.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/631. Acesso em: 13 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cuidados paliativos no tratamento do câncer**. Ministério da Saúde, 23 maio 2024. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/maio/ministerio-da-saude-lanca-politica-inedita-no-sus-para-cuidados-paliativos#:~:text=No%20Brasil%2C%20cerca%20de%20625,sintomas%20e%20no%20apoio%20emocional. Acesso em: 13 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Governo federal lança política inédita no SUS para cuidados paliativos.** Ministério da Saúde, 23 maio 2024. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/maio/ministerio-da-saude-lanca-politica-inedita-no-sus-para-cuidados-paliativos#:~:text=No%20Brasil%2C%20cerca%20de%20625,sintomas%20e%20no%20apoio%20emocional. Acesso em: 13 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 3.535, de 2 de setembro de 1998. Estabelece critérios para cadastramento de centros de atendimento em oncologia. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2 set. 1998. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1998/prt3535_02_09_1998_revog.html. Acesso em: 15 maio 2025.

CASTILHO, Rodrigo Kappel; PINTO, Cristhiane da Silva; SILVA, Vitor Carlos Santos da (org.). **Manual de cuidados paliativos**. 3. ed. São Paulo: Atheneu, 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Resolução nº 17, de 19 de julho de 2022. Dispõe sobre parâmetros para práticas psicológicas em contextos de atenção básica, secundária e terciária de saúde. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 jul. 2022. Seção 1, p. 151. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-17-de-19-de-julho-de-2022-418333366. Acesso em: 15 maio 2025.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**: seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

GOMES, Ana Luiza Zaniboni; OTHERO, Marília Bense. Cuidados paliativos: conceitos, cuidados e desafios. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 88, p. 155–166, 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-40142016.30880011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/gvDg7kRRbzdfXfr8CsvBbXL/abstract/?lang=pt. Acesso em: 15 maio 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). **Como surge o câncer**. Disponível em: https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/como-surge-o-cancer. Acesso em: 14 maio 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). **Cuidados paliativos**. Instituto Nacional de Câncer, 16 set. 2022. Disponível em: https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-

profissional-de-saude/controle-do-cancer-do-colo-do-utero/acoes/cuidados-paliativos. Acesso em: 14 maio 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). **Estatísticas de câncer**. Disponível em: https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/numeros. Acesso em: 13 maio 2025.

RESEARCH, Society andDevelopment. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 3, e1913345172, 2024. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v13i3.45172. Acesso em: 11 ago. 2025.

ROCHI, Marinara. **A relevância do apoio psicológico para familiares das pessoas em cuidados paliativos.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Disponível em: http://repositorio.unesc.net/handle/1/7938. Acesso em: 14 maio 2025.

RODRIGUES, Inês Gimenes; ZAGO, Márcia Maria Fontão. A morte e o morrer: maior desafio de uma equipe de cuidados paliativos. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Londrina, v. 10, n. 5, p. 31–38, 2012. DOI: 10.4025/cienccuidsaude.v10i5.17050. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/269953064_A_morte_e_o_morrer_maior_desafio_de_uma_equipe_de_cuidados_paliativos. Acesso em: 14 maio 2025.

SILVA, Ronaldo Corrêa Ferreira; HORTALE, Virginia Alonso. Cuidados paliativos oncológicos: elementos para o debate de diretrizes nesta área. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 10, p. 2055–2066, out. 2006. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006001000011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csp/a/YDmZRGTwP3xDkyd7dGCmHxf/. Acesso em: 14 maio 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA ONCOLÓGICA (SBCO). Quais são os cuidados paliativos no câncer? SBCO, 18 nov. 2024. Disponível em: https://sbco.org.br/quais-sao-os-cuidados-paliativos-no-cancer/. Acesso em: 13 maio 2025.